

Um vírus para nos tornar altruístas e para ter esperança

André Mário Mendes da Silva

A cada semana parece que as expectativas dos seres humanos mais pessimistas irão se tornar realidade. Os pessimistas convictos sempre estão à espera de que esse mundo acabe, ou pelo menos o planeta se salve contanto que a humanidade sucumba por provar do próprio veneno. Os devaneios são diversos: um meteoro, o aquecimento global irreversível, uma guerra mundial, uma doença degenerativa incurável sem causa aparente de total prevalência e até mesmo um vírus mortal, não importando se surgiu espontaneamente como presente de retribuição da Natureza ou se foi criado em laboratório. Ao que nos parece, o vírus mortal está ganhando essa mórbida disputa.

E fica a questão: a humanidade merece esse flagelo? Sabemos que o restante do planeta está aproveitando o bombardeio que o novo coronavírus impeliu no consumismo cínico e irresponsável dos humanos. A velha mãe Gaia está tendo tempo para curar suas feridas antes que outras mais novas sejam feitas pelo seu filho mais ingrato: o ser humano. Sim, só a nossa espécie foi atingida no seu conforto, na sua estabilidade e na sua supremacia intelectual. Todo o restante dos reinos mineral, vegetal e animal está sentindo o atual apocalipse da civilização humana como um renascimento, da maneira como suas formas de “consciência” os permitirem.

Será que da mesma forma que o último cataclismo, o altruísmo nos salvará? Acredita-se que na última Era do Gelo, o período que a humanidade de fato sofreu um risco real de extinção, os seres humanos aprenderam que a cooperação era um negócio mais rentável. Tribos que moravam distantes se juntaram, as pessoas passaram a dormir juntas para um corpo aquecer o outro, os esforços em conseguir alimentos foram mais eficientes e eficazes quando os grupos humanos pararam de competir entre si e começaram a compartilhar.

Bem, se o altruísmo nos resgatará de um possível colapso, não será como aquele que foi praticado na última Era do Gelo. O altruísmo agora deverá ser praticado num cenário de distanciamento social, onde não há abraços, apertos de mão, carícias, beijos, afagos. Teremos que ser altruístas à distância. Mas se não fomos entusiastas da prática do altruísmo quando podíamos nos tocar e conviver lado a lado, sabemos ser altruístas à distância?

Será que uma divindade, ou um grupo de divindades, permitiu o surgimento desse vírus para nos obrigar a tratar-nos uns aos outros com mais respeito, bem no estilo ou vai ou racha? Sabemos que no decorrer do tempo os humanos têm praticado cada vez mais o altruísmo, porém numa velocidade bem abaixo do que a maioria de nós anseia. Numa balança, atualmente o prato do individualismo é bem mais pesado do que o prato do altruísmo. Esse vírus veio para de forma compulsória fazer-nos equilibrar os pratos? Ou quem sabe seu objetivo é fazer a balança virar de vez para a direção de um dos pratos da forma mais dramática e trágica possível?

Vamos analisar a realidade atual. As pessoas mais ricas estão fazendo mais doações? Aqueles que possuem alguma forma de poder estão engajados de maneira inflexível na busca da justiça e da proteção dos mais vulneráveis? E todo o restante que faz parte da massa está mais preocupado com a execução da antiga máxima “farinha pouca, meu pirão primeiro”?

Às vezes me pergunto: Será necessário que esse vírus, na baila da sua propagação coletiva, sofra uma mutação e torne-se mais mortal e infeccioso? No momento, ainda não abrimos os olhos. Só estamos vendo a situação como quem acaba de acordar e está com dificuldade até de manter os olhos semiabertos, desejando voltar para o soninho gostoso e ver se é possível reivindicar mais alguns minutos do aconchego de sua cama, pois o dia que virá terá as suas próprias dificuldades, reais ou imaginárias.

Será necessário alguém entrar no quarto e jogar um balde de água gelada sobre a humanidade? Ou tudo ocorrerá para o regalo dos mais pessimistas, que pegaram seu copo de refrigerante de 700 ml e seu pacote de pipoca extragrande e ficaram assistindo à derrocada da nossa espécie e dizendo para todos: Eu não disse que isso um dia iria acontecer? Mesmo sabendo que a sua hora também irá chegar.

Apesar da impressão de que nosso carro está despencando ladeira abaixo, eu prefiro ser otimista. Porque a melhor coisa que alguém pode fazer nesse momento é ter esperanças e trabalhar em prol da mesma. Braços cruzados de um otimista tem tanta utilidade do que uma boia furada para quem está se afogando. Ter esperanças faz bem: ter esperança de voltar a dar aulas, ter esperança de ver novamente meus colegas e alunos, ter esperança de poder abraçar aqueles que eu amo e ter esperança de que o progresso seja a única fatalidade que de fato exista nesse universo.